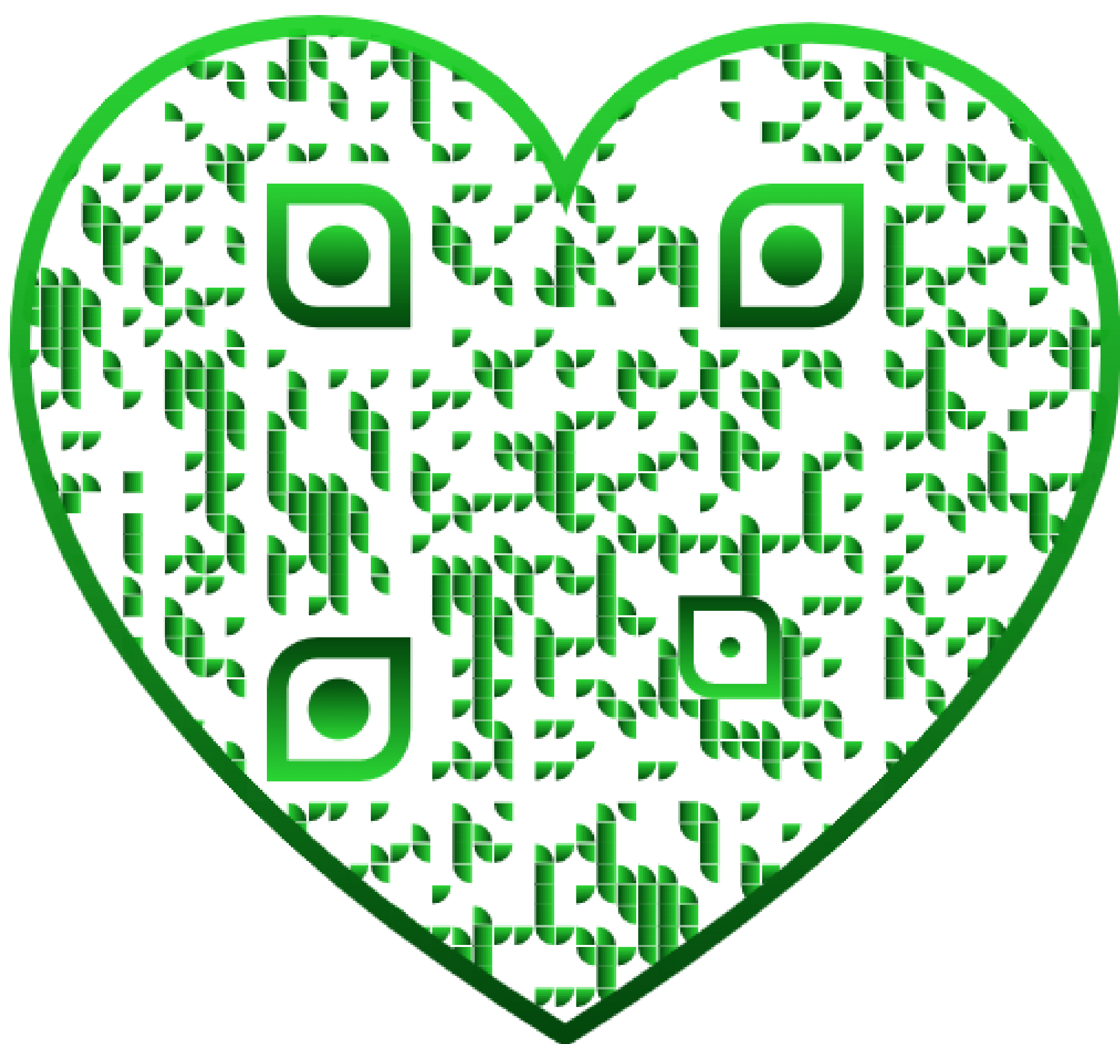

ILUSTRAÇÃO GIL CASTRO

Um brasileiro chamado Noel

Autor (em parceria com Carlos Didier) da biografia definitiva de **Noel Rosa**, o jornalista João Máximo diz que o artista subverteu a estética ao trazer para os seus versos o cotidiano que escapava ao cancioneiro da época

Elisa Monteiro



MARCO ANTÔNIO TEIXEIRA/AGÊNCIA O GLOBO



JOÃO MÁXIMO. Biógrafo

Leitor voraz de biografias, o jornalista João Máximo ficou, digamos, um pouco desapontado com a história de Noel Rosa contada por Almirante e Jacy Pacheco no livro *No tempo de Noel Rosa*. "Eu queria saber mais. Queria saber como um cara que morre aos 26 anos teve vida tão intensa, passional e dolorosa", relata. A instigante curiosidade do jornalista resultou na biografia definitiva do artista (*Noel Rosa — Uma biografia**) escrita em parceria com o músico Carlos Didier, edição esgotada. Noel de Medeiros Rosa é personagem único na história da música popular brasileira e 2010 é o ano da celebração do centenário de nascimento. Ele rompeu a fronteira de classe ao subir o morro e fazer parcerias com compositores negros, coisa inimaginável para o ambiente conservador. Noel Rosa subverteu a estética ao trazer para os seus versos lumpens, homossexuais, malandros, prostitutas, proxenetas, figuras do cotidiano nunca presentes nas músicas de então. Nada de endeusar as mulheres em atmosfera parnasiana. A paixão estava ali, presente, de carne e osso, pela operária da fábrica de tecidos. As dificuldades financeiras de gente que vivia na pindaíba nas mãos

* MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. *Noel Rosa — Uma biografia*. Editora LGE, 1990. Edição esgotada.

de quem emprestava dinheiro estão nas suas músicas. Hipocrisia, corrupção e preconceito são temas que não escaparam a sua crônica ácida, irreverente, corajosa, lírica. Outra mágica espantosa: nenhum artista seu contemporâneo deixou marca tão permanente no imaginário da música no país. Noel Rosa é um mito. Filho de família de classe média, o compositor nasceu em dezembro de 1910 e morreu de tuberculose, precocemente, em 1937.

O mito Noel acompanha João Máximo desde criança. "Desde os meus 7 anos de idade, quando mudei para Vila Isabel, há 67 anos", conta. Quando mudou para o bairro, lá pela década de 1940, Noel já era nome no lugar. Noel virou referência para toda a geração de garotos que vivia na Vila. "Conhecia-se o nome, a fama, mas não a obra de Noel, que ficou por longo tempo esquecida", ele conta. Mas em 1950 a gravadora Continental lançou um álbum de três discos em 78 rotações no qual a cantora Aracy de Almeida cantava seis músicas do compositor. Máximo relata que o sucesso foi tão grande que saiu o segundo volume, com mais seis músicas.

Em meados da década de 1950, lembra, na música brasileira havia as canções mais românticas, muito influenciadas pelo bolero e pela música americana, interpretadas por cantores como Dick Farney, Lúcio Alves e Elizeth Cardoso. Essa música disputava com o movimento saudosista, liderado por Lúcio Rangel. Estes defendiam a recuperação do samba puro, de Pixinguinha e Ismael Silva. Ary Barroso e Lamartine Babo voltam a gravar e Noel está presente, porque, na visão do movimento, deveria estar entre os que tinham de ser reabilitados – embora já tivesse sido gravado em 1950. Aí surge a bossa nova. "Então ficou

> **"Nenhum artista contemporâneo deixou marca tão permanente no imaginário**

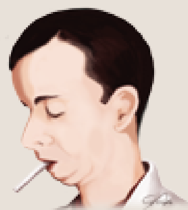
aquele antagonismo bobo entre bossa velha e bossa nova", observa. Mas, segundo o pesquisador, o pessoal da bossa nova achava Noel original, inovador nas letras e nas músicas. "Estou contando essa história toda para tentar explicar o fenômeno que é a permanência do mito Noel na vida do brasileiro." De acordo com Máximo, isso explica a força da lembrança do seu centenário de nascimento.

Para fazer com precisão o mergulho sobre a vida de Noel Rosa, João Máximo disse que seguiu o conselho de um amigo psiquiatra (conselho, ele ressalva, que não tem nada a ver com psiquiatria), com quem falou por acaso de sua intenção de fazer um livro sobre o compositor. "Me lembro que ele disse assim: 'Olha, você jamais vai conhecer um personagem que você não conheceu ao vivo, que não fez parte da sua convivência, se você não conhecer o local e o tempo em que ele viveu.' Disse mais: 'Você tem que mostrar como era a casa do Noel Rosa, como era o Rio de Janeiro de 1910 a 1937, o que era um garoto como ele estudando num colégio beneditino, colégio religioso, que influências sofreu desse local.'" Para entender a origem da lesão que resultou no defeito físico no queixo que acompanhou Noel durante toda sua curta vida, João Máximo teve de estudar, por exemplo, o desenvolvimento de mandíbulas — que, no caso de Noel, foram lesionadas na hora do parto. Durante oito anos, Máximo (Carlos Didier preocupou-se mais com a parte musical) seguiu as pegadas de Noel. Veja trechos do depoimento do principal biógrafo de Noel a VERSUS.

Filosofia

Noel Rosa

O mundo me condena, e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome



Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim

Não me incomodo que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo

Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva a hipocrisia



Lúmpen, malandro, homossexual...

Na época de Noel, o compositor popular tinha uma postura muito curiosa, porque ele achava que no carnaval valia tudo: "mexer" com a política, homem fantasiado de mulher, mulher fantasiada de homem, piadas, anedotas, tem samba da época que tem características excepcionais que diz: "a minha fantasia é de diabo, só falta o rabo, só falta o rabo. Eu vou botar um anúncio no jornal 'precisa-se de um rabo pra brincar no carnaval', eu vou botar...". Os compositores diziam, ah, no carnaval vale tudo. Mas no meio do ano eles não tratavam do dia a dia, do cotidiano, do homem comum, do operário de fábrica. As mulheres eram, por assim dizer, enaltecidas, os cabelos delas eram feitos de seda, os olhos eram o mar (...) isso numa poesia pré-Noel. Com o Noel, o que você tem é que a música dele, até muitas foram cantadas no carnaval, foram lançadas pelas gravadoras no seu catálogo de carnaval, mas não eram carnavalescas. Ele não fazia música (específicas para o carnaval) porque ele achava que o lúmpen, o malandro, a mulher da vida, o homossexual, o bandido, o facínora, esses personagens que você via a toda hora pela rua, eram "cantáveis" a qualquer hora. Eu acho que a grande importância dele na letra, na música, é essa. Ele cria uma escola de lírico, de letra de música popular, que pra resumir seria o seguinte: se o tema é bom e se é benfeito, você pode cantar qualquer coisa. Dizer isso pra você hoje que ouve Caetano e Chico que faz a letra que quiser e você acha legal, bacana e tal não quer dizer nada. Mas eu estou falando de 1930, na década de 1930.

Morro, mentira e dinheiro

Roteirizei e apresentei uns quatro shows (temáticos). "Noel e o morro" o primeiro, porque ele foi o primeiro branco de classe média com passagem pela universidade, ainda que muito breve, que se associou, que teve como parceiros 12, 13 negros de morros nos três, quatro primeiros anos da carreira. Isso quando as parcerias antirraciais não existiam na música popular brasileira. Você não tem parceria de branco com negro neste período, e ele fez com 12 ou 13, e esse meu primeiro espetáculo aqui foi sobre Noel e esses parceiros. São músicas em parceria dele com Cartola, com Ismael Silva, com essa turma toda. O segundo (show) foi "Noel e a mentira", que é uma constante. Ele (...) era muito machista, como eram todos os homens na época. Eu me lembro que eu fui entrevistar uma das namoradas dele, a Fina (...) que começou a me contar como foi o começo do namoro dela com o Noel. Eu dizia: "Menina, mas eu não acredito, como a senhora se submeteu a isso". E ela dizia: "Meu filho, aquilo era outra época e tal. (...) Ele era mulherengo, feio daquele jeito, mas ele sempre foi bonito". (...) O terceiro (show) foi sobre o dinheiro ou a falta dele. Então eram músicas do Noel compositor das mentiras, compositor de morros, só músicas que falavam de dinheiro ou da falta de dinheiro. E o último foi o "Rio, Brasil de Noel", quer dizer, são músicas que ele fala de sua cidade ou de seu país de alguma forma crítica.

Wilson Baptista

Essa polêmica é muito simples. O Noel provocou ele com uma música que tenta moralizar o malandro, isso é verdade. Ele fez uma música, o Noel mexeu com ele e ele respondeu ao Noel e ficou por aí. O Wilson responde pra poder provocar. Mas o Wilson não era conhecido ainda, então para ele ter uma polêmica com o Noel era bom e ele era um grande sambista. (...) O Caetano (Veloso) ainda disse que ele era homófobo e tal, mas o Baptista não era homossexual. O Caetano confundiu esse Baptista com outro, com Ismael Silva talvez ou Assis Valente. O Noel não tinha nada disso, o Noel faz o primeiro samba gay da música popular brasileira, o primeiro samba em que o homossexual era tratado com simpatia, que é o "Mulato Bamba", que é um samba admirável, onde ele trata esse personagem que a polícia perseguia com a maior dignidade.

Fugiu do óbvio

Alex Varela, historiador, foi um dos autores de "Noel: a Presença do Poeta da Vila", enredo da escola de samba Vila Isabel no último desfile (2010). Segundo Varela, a formação tradicional típica de classe média daquele tempo — colégio beneditino e faculdade de medicina — não limitou Noel aos nichos sociais mais óbvios: "Desde jovem ele se aproximou dos tipos mais populares das ruas, vistos como gente de pouco valor ou até mesmo perigosa. Aprendeu a tocar violão com os seresteiros do bairro. Fez da rua e da boemia carioca palco e inspiração de seus versos e notas, deixando para outra vida a diplomação de doutor."